

O BONDE

DIRETOR
Antônio A. Athayde
Redator-CHEFE
Nemésio José Sirio
GERENTE
João E. Ramos

Órgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da ESAV

Ano I ————— ESAV, 24 de Novembro de 1945

Número 13

UM MINUTO

Nemésio J. Sirio

Hoje recebi uma carta. Que carta gostosa! Quanta boniteza e quanto pensamento sensato! Mas, entre aspas, li: há minutos que valem uma vida e há vidas que não valem um minuto. Pensando na carta, nesta frase e especialmente em quem a escreveu, bôli no baú da imaginação, pedindo aos miólos compaixão para os que pretendem de algum modo, escrever qualquer coisa. Pois bem, a desilusão bateu na porta e entregou-me o sêco «Indeferido» dos miólos respondendo ao meu requerimento.

Todavia, às vezes nos sentimos suficientemente fortes e podemos então destruir os «contras» do espírito em benefício de uma aventura ou quem sabe, se de uma audácia. Sim, disse aventura. Também disse audácia. Não será demais portanto, se eu sair correndo, doidamente, desesperadamente e numa fração de segundo parar brusca e repentinamente na sala de visitas da minha casa, bem lá no interior paulista.

Foi, aí justamente, que tudo se passou. Não na sala de visitas, mas na minha casa modesta onde, para mim, os minutos valem por vidas.

Recordo-me de um dia 28 e a casa estava em reboição com preparativos de viagem e de um jantar daqueles que, se não lembram recepções, lembram despedidas. As vezes se confundiam com o cheirinho delicioso da cosinha. — Nil, tire o frango do forno! — Cléo, coloque, faz-me o favor, o toalhado na mesa! Era a voz doce de mamãe às suas auxiliares. Nil, toda meiguice. Cléo, toda candura.

A loura trabalhava e os meus olhos trabalhavam com ela nos seus movimentos. A mesa já estava preparada para receber os pratos cheios. Eu, preparado para esvaziá-los. Assim, as 6 badaladas do relógio todos sentamos à mesa. Mamãe na cabeceira, toda garbo e domínio de si, Cléo à direita, Nil à esquerda e para os outros lugares pessoas amigas e eu. Houve vinho e muita conversa animada. Só mesmo num jantar tão de casa se sente bem a vontade. Cléo me prendia com aqueles olhinhos castanhos, ornamento definido para o seu rosto claro. Não houve discurso. Também não foi notada a sua falta. Demoramos uma hora. Uma hora de boas amizades, misturadas com... não me esqueço de Cléo. Ah minha Cléo... Quanta saudade!

Mas de bom que foi o dia, ela não passou no meu espirito, de um minuto. Um minuto tão grandioso, tão intenso, tão lindo que, valeu por uma vida...

Tudo passa, é claro. A despedida

teria o seu momento. Em cada olhar uma separação. Em cada separação uma saudade.

Nos olhos de Cléo duas pérolas brotaram e elas correram apalpando a maciês do seu rosto. Quis apará-las com o lenço branco, mas já era tarde. Duas lágrimas no chão tentaram reproduzir a dor de Cléo. Não chorei apesar de tudo. Fiquei triste, pensando...

Realmente, há minutos que valem uma vida e há vidas que não valem um minuto...

A PRIMEIRA ETAPA

A. A. ATHAIDE

Alcançando o término no presente mês, o ano letivo nesta Escola, também «O Bonde» paraliza as suas atividades até os primeiros meses do próximo ano de 1946.

Após dar um balanço nos três meses de vida deste jornal, pudemos obter uma resultante que aponta para o otimismo, quanto ao plano em que conseguiu situar-se perante a opinião esaviana. O nosso jornal começou a circular dia primeiro de setembro.

Ele iniciou os seus passos de modo decidido, enérgico e sem vacilações. Venceu assim aos prognósticos pessimistas dos cépticos, rompeu galhardamente a barreira dos indolentes e despetitados. «O Bonde» se impôs de início a simpatia e consideração dos esavianos, razão porque continuou sua marcha normal, sem interrupção ou retrocesso. Sua impressão se fez em todos os sábados, e a procura tem se elevado constantemente, o que é um comprovante do que acabamos de dizer. Isto é, o jornal na sua primeira etapa conseguiu um crédito apreciável na confiança e simpatia dos esavianos e já pulsa agora como uma das células vivas da ESAV.

Chegamos a estas conclusões, sem atingir no entanto as raízes do exagero. E isto tem apenas um efeito de estímulo e injeta vivas energias áqueles que labutam na direção deste semanário. A sua consolidação se fez nestes três últimos meses e lhe deu uma plataforma para crescer e melhorar sempre.

Este é o último número no presente ano. Uma nova diretoria já foi eleita para o ano de 1946. Entregaremos confiantes a ela os destinos do nosso semanário. Agora, cumprenos reafirmar nestas colunas, os nossos agradecimentos ao Dr. Gouvêa, nosso Diretor, pelo opóio considerável que vem emprestando, e estamos certos, continuará a fazê-lo, a este jornal. Somos gratos também a todos os leitores, pela consideração e solidariedade para com o mesmo. Apraz-nos também transmitir nossos agradecimentos aos colaborado-

(Continua na 2ª página)

Crônica da Semana

A. DIAS LOPES

Ao esaviano que parte

Você deixará a Escola... Completou o curso e agora vai lutar pela vida. O «bicho berra», o «abriu», as «torei-das organizadas» nas competições, serão recordações penrenes que o acompanharão por onde você andar.

E com estas recordações eu quero adicionar um pedido, que também é uma recordação, mas que talvez só lhe virá à mente quando lembrar-se do nosso Jornal.

E para fazê-lo, peço-lhe esaviano que parte, que me acompanhe por instantes e nos transportemos às nossas fazendas.

Já estamos nelas... São casas grandes que ostentam no tamanho e na forma o esplendor dos nossos tempos coloniais. Os porões, abrigos antigo dos escravos, se transformaram em depósito de lenha, de cangalhas e arrêios, enquanto os gigantes estêios de braúna continuam desafiando a ação destrutiva do tempo.

O café, a saborosa Rubiágea, fez nascê-las com galhardia, mas hoje, com a queda do produto, e esgotamento das terras, elas não ostentam a mesma performance dos tempos idos. Estão decadentes a espera da técnica que as faça ressurgir com a produção racional e econômica.

Só uma coisa não mudou nas fazendas. O ritmo do trabalho. Com o clarear do dia, o nosso enxadeiro já se encontra à porta das cozinhas, esperando pelo gole de café que o sustentará até a hora do almoço. Mal termina, deixa a caneca em cima da chapa do fogão ou na mesa da cozinha e vai para as quei-

(Continua na 2ª página)

C. J. 1119

A PRIMEIRA ETAPA

(Conclusão)

res do «O Bonde» e companheiros de direção. Entre eles, ao João Ramos, Nemésio, Dalmo, Acyir, Farah, Lelivaldo, Ferdinando, ao Roberto Rodrigues, Alberto Campos, Joel, e ao nosso incansável Dias Lopes. Não esquecemos também de dizer um muito obrigado a todos os rapazes da tipografia, capitaneados pelo S. José, homem da boa vontade e que não sabe dizer um «não».

Estamos no fim do ano de 1945. A ESAV faz ao Brasil mais uma contribuição. É uma forja soberba! Não cessa de moldar inteligências moças, produzir homens fortes, saos de pensamento e corpo, para a Pátria. Mais filhos seu partem agora. Nós também iremos. Outras turmas ficam. Continuarão estudando, se preparando para sua vez. A estes, nosso adeus. Nós que partimos, vamos para a vida prática, com o coração queimado de saudades e com uma vontade decidida de vencer. Lembramos da expressão: «para a frente, e sempre», e vamos mesmo. Mostraremos o quanto pode a fibra do esaviano e até onde se mede a força do nosso espírito. Caminharemos para a vanguarda com aqueles que desejam um Brasil e um mundo melhor. Desfradaremos a bandeira do progresso!

Partimos. Nossa Escola aqui fica. Aos seus valentes operários, aos servidores, aos professores, nosso cordial aperto de mão. Nas suas quatro colunas continua fixado o seu e nosso indomável lema: Estudar, Saber, Agir, Vencer. Por elas passaremos de volta. Lendo de novo estas palavras, iniciaremos a nossa marcha. E, olhando para a estrêla que se levanta no horizonte, lá veremos escritas as mesmas palavras, tendo em alto relevo: Agir e Vencer. A estrêla nos indica a trilha: agiremos para vencer!

UM CONTO DE AMOR... ATÔMICO

Era inverno e Tomaz fôra visitar Lola.

Noite bonita aquela. Uma porção de estrêlas no céu, lua cheia, quietude e um coração inquieto. O mesmo olhar indiferente de sempre, recebeu-o:

— Boa noite Lola!

— Boa noite Tomaz!

Sairam juntos pela estrada cheia de curvas. Tomaz queria dizer algo, mas estava sem coragem.

De longe um canto sentido e choroso:

— *Abelha beijando as flores,
Serenoso cai no capim,
As ondas beijando as
[praias,
Sò tú não te lembras de
[mim!*

A música bem que servia ao caso deles e por isso Tomaz não se conteve:

— Sabe Lola, eu quero... eu queria... você sabe...

— O que é que você queria home?...

É que êsse ano eu ganhei com o milho e queria... casar...

Lola abaixou os olhos como sempre...

— Você é diferente dos outros, Tomaz! você só fala... só fala...

Tomaz incontinentemente, então tomou-a pelos braços. A lua escondera-se...

— Tá bem home, se ocê qué, fala com papai, que eu quero.

Disse-lhe a morena matuta, com um sorriso de felicidade.

D. C. G.

Crônica da Semana

(Conclusão)

madas, grotões, cabeceiras de morro, começar os eitos com os primeiros raios do sol.

Quase sempre lhe acompanha o filho mais velho ou a patrão que vai trocar fubá. Leva uma quarta de milho e recebe uma quarta de fubá.

As vezes também compra toucinho ou gordura para ser descontado no serviço do pai ou do marido.

Á tardinha, quando começa a escurecer, volta o caboclo para o seu rancho, trazendo nos ombros, de um lado a enxada e do outro um feixe de lenha para acender o fogo pela manhã. Sua casa é pequena, de madeira ou ripado. As paredes são barriadas com essa terra vermelha misturada com um pouco de areia, formando uma massa muito longe de se comparar ao cimento que corporifica e sustenta as construções citadinas. Sua vestimenta é pobre. Geralmente tem duas peças de roupa, padronizadas na calça de mescla e na camisa de riscado. Enquanto usa uma, a outra está lavando.

Mesmo assim, na comuna paupérrima do homem rural, reside uma das maiores virtudes do homem. A sinceridade. Entre eles não há covardia. O respeito ás tradições familiares e aos primi-

tivos costumes dos nossos grupos colonizadores, faz-nos sempre lembrá-lo, caminhando pelas estradas com a harmônica de oito baixo, fazendo os «pagodes» aos sábados na casa do compadre, ou ainda, disputando as quedas de malha nos domingos á tarde.

É para êste homem, de ombros tostados á canícula dos janeiros, de músculos enrijecidos ao movimento da enxada e ao pêso dos balaios de café, o meu pedido. Êle é a nossa política, o nosso candidato, o nosso partido. Arregimentemo-nos em torno dele para que possamos concretizar a nossa passagem pela Escola. Se somos a técnica, a máquina que move e revoluciona os campos, êle é a caldeira, o motor. Um sem o outro de nada vale. E para conseguirmos a união é mister que pautemos as nossas diretrizes voltadas sempre no desejo de ampará-lo, melhorá-lo, prestando-lhe assistência gratuita, no afan comum de resuscitar a nossa agricultura, presa ainda na rotina dos nossos antepassados.

NOVA DIRETORIA DO "O BONDE PARA 1946."

Nas eleições efetuadas a 17 dêste verificou-se o resultado seguinte:

Diretor - Nemésio J. Sítio

R. Chefe - A. Dias Lopes

Gerente - J. E. Ramos.

Por força maior Dias Lopes renunciou o cargo, substituindo-o J. Farah.

Cooperativa dos Estudantes da ESAV

Edital de 2ª Convocação

Em 2ª Convocação, convidamos os associados desta Cooperativa para a *Assembléia Geral Ordinária* a realizar-se no dia 29 do corrente mês, às 11 horas, no Salão Nobre da ESAV, para tratar dos seguintes assuntos:

1ª Prestação de contas da atual Diretoria.

2ª Eleição dos membros do Conselho de Administração, Conselho Fiscal e Suplentes para o exercício de 1945-1949;

3ª Outros assuntos.

Viçosa, 21 de novembro de 1945

a) Acir Vaz Guimarães
Presidente

PINGENTES

Um jogo, Uma vitória e Atitudes

Por ocasião do encontro Escola x Atlético, que terminou com uma justa e retumbante vitória do esquadrão alvi-verde, tivemos a oportunidade de notar o desinteresse ou melhor, a tristeza com que o nosso técnico recebeu essa vitória. Tivemos a impressão que o coach Esaviano fôra surpreendido pela atuação brilhante dos nossos craques. A verdade é que nós mesmos o fomos, porém para todos nós essa vitória foi um motivo de satisfação. Logo após o término do encontro o nosso dirigente técnico retirou-se do campo sem sequer dirigir uma palavra de elogio a seus pupilos. Muito ao contrário, em palestra com um assistente, declarou que a nossa vitória nada mais fôra que o fruto da atuação incorreta e parcial do juiz.

Infeliz, inoportuna, e inverídica essa declaração. Cremos que ela nada mais é do que reflexo do estado de espírito em que se encontrava o nosso técnico

Aliás convém dizer que já de outra vez tivemos oportunidade de ouvir do mesmo senhor a declaração de que a Escola nunca vencera, nem ganharia do Atlético.

Outro procedimento que nos chocou também foi por ocasião do encontro que a Escola teve com o Pontenovense, em Ponte Nova. Devido a um acidente o expresso em que viajava parte de nossa delegação sofreu um atrazo, tendo o comboio estacionado em Silvestre. O nosso técnico ao ver isso regressou a Viçosa, tendo porém afirmado que no dia seguinte iria à Ponte Nova. Não nos interessa saber a razão pela qual deixou de comparecer à cancha do Pontenovense no dia seguinte. O certo é que jogamos e todos nós sabemos a forma pela qual fomos derrotados, isto é, devido a ação de um juiz inescrupuloso. Vemos pois, o desinteresse do nosso técnico, abandonando nossa delegação à sua própria sorte.

Ao regressarmos tivemos oportunidade de trocar ligeiras

impressões com o nosso orientador e dele ouvimos que dentro de poucos dias iria a Ponte Nova com o quadro do Colégio, reforçado de Mangueira. e afirmou-nos ele, que regressaria vitorioso. (Não temos necessidade de explicar a razão da comparação).

Enfim, chegamos ao jogo com o Atlético. Depois de muita confusão foi o jogo combinado e realizado. Dizer que foi o jogo é dispensável, porquanto todos nós que tivemos oportunidade de assistir ao encontro vimos em campo um quadro somente, e este foi o da Escola que dispôs como bem quis do seu adversário. Quanto ao juiz, não o defendemos; muito ao contrário, teve uma atuação falha, demonstrou falta de conhecimentos das regras e falta de energia. Prejudicou ambos os quadros, principalmente o da Escola que viu anulado o primeiro goal de autoria de Dourado, goal este legítimo. Além disso, deixou passar em brancas nuvens duas ou três faltas máximas dentro da área do quadro visitante. Demonstrou falta de energia ao consentir a permanência em campo de um jogador do Atlético expulso.

Esperamos do ilustre Doutor, a quem está entregue a nossa seção de futebol, uma explicação e desde já pomos à sua disposição as colunas deste nosso modesto jornal. Admiramos e apreciamos os seus conhecimentos técnicos do Association, porém cremos exprimir o sentimento esaviano ao afirmarmos que acima de tudo apreciamos o devotamento e afeição às nossas côres, e todos tivemos oportunidade de observar, custa-nos dizer que si nosso orientador técnico demonstra afeição e devotamento, não é pelas gloriosas côres esavianas, mas sim pelas do nosso adversário de ontem, o Atlético.

N. R. Ari Eims é o pseudônimo de Isaltino Soares, redator desta seção.

ESAV, 5 x ATLÉTICO, 2

... E dizem que em Viçosa só há uma cavallhada por ano... Passamos a pensar diferentemente depois do que vimos dia 15 no campo da Escola, quando do

jogo amistoso (pois sim) entre os dois tradicionais adversários. Cássia, Murilo, Quinzinho, Caetano, Bené e Combuca (muito na moita) resolveram seguir aquele ditado que diz: fé em Deus e pé na táboa ou fé em Deus e pé na canela do próximo.

Passemos ao jogo. Logo no início notou-se melhor coordenação e vivacidade no time da Escola, evidenciadas num franco domínio que causava pânico às hostes atleticanas. Surgiu um penalty! Kiko encheu a saca. Pouco mais tarde, numa jogada inesperada, Tão dá um tiro que resvala no Arnaldo Pistola e vai às redes: 1x1. Anima-se o Atlético e alguns minutos depois Bicudo com bom esquerdo marca o 2º ponto para a Cidade. Há como que um desânimo nos esavianos, mas eis que entra o Mata 11 (nesse dia mais do que nunca, Mata 11) e com sua fibra impulsiona o nosso time, que passa a dominar francamente, culminando essa pressão com um lindo goal de Dourado. Dada nova saída, Cássia apodera-se da pelota e quase imediatamente ensaca mais um para nós. Que carnaval! Continuamos prá cabeça e 5 minutos depois Cássia novamente modifica o placard. Foi então que se armou um vasto sururú em campo, evidenciando-se a falta absoluta de educação esportiva de Reni, provocando cenas lamentáveis em campo. Pouco depois terminou o 1º tempo.

No 2º tempo patenteou-se a supremacia do Verde-Branco, que pintou os canecos, registrando o nosso 5º goal, num «rush» notável do môcho Saca.

Os melhores: Dourado simplesmente espetacular, fez o que bem entendeu com a bola; Murilo, usando o seu jogo duro, amoleceu alguns adversários; os demais, da Escola, num mesmo plano, muito bom aliás.

No Atlético vimos o Bené Clarineta como o melhor do quadro, seguido dos dois zagueiros; os outros, com entusiasmo, sem conseguirem qualquer coisa de positivo.

Em conclusão: não aprovamos o que houve dia 15. Sim cavallheiros, aquilo não é futebol nem aqui nem na China. Dessa maneira é melhor que alguns dos jogadores vistos em campo voltem sua atenção para a tradicional festinha realizada todos os anos na Cidade. Talvez haja lá um lugar de destaque para eles...

SOCIAIS *

ANIVERSÁRIOS

Fez anos dia 20 o colega do M4 Joaquim de Brito Nicolau (Adubo). Figura de grande projeção nos meios esportivos, «seu Quincas» é um dos grandes atletas que têm passado pela ESAV. (Gostou Dumbo?)

Farão anos: Dia 25 — José Roiz Araujo, colega do M2.

Dia 29 — Antônio Dias Lopes ou Potoca ou ainda Pedro Potoca, o conhecido cronista do «O Bonde», pela sua coluna «Crônica da Semana». Entrevistado por um dos nossos repórteres declarou: O melhor presente que me poderão fazer é um livro «Como Evitar Discussões». N. R. Aconselhamos também alguma cousa: «Como não provocá-las».

Dezembro 2 — Pedro Morais (Giló) Bibliotecário do Diretório da ESAV. Ao Giló, mimoso «baby» do S2, será oferecido pelo seu colega Catella uma chupeta de mamadeira.

Aos colegas aniversariantes «O Bonde» coloca o bar do Gustavo à disposição.

Nota: não se esqueçam de levar a «gaita».

Professor Frederico Vanetti

Encontra-se novamente na ESAV o professor de Entomologia, Dr. Frederico Vanetti que havia seguido para os EE UU em curso de especialização. Ao ilustre Entomologista as nossas boas vindas.

Ao Joel da Silveira

VON π π

(Conclusão do número anterior)

água cristalina e a lama, a luz e a escuridão. Tu és a água cristalina, a luz. Com tua caneta mágica traças no ar um palavrão sinuoso e harmônico, que reflete bem em nossos olhos e nos faria acreditar nele, se não fossem as nossas convicções acérrimas, baseadas na triste realidade dos acontecimentos, que nos envolvem, que envolvem nossos pais. O mundo seria melhor se fosse acalentado unicamente por sonhos bons, por noites enlauradas, por espíritos benignos. Reconheço os irracionais e os racionais. O homem por questão de egoísmo, requer a alma só para si, e só ele ama. Concordas comigo que a grandeza da alma humana se revela através o amor materno? Já tentaste tocar os filhinhos de sua cadela? Ah! O eterno recurso: o instinto.

Sei que não ignoras o princípio de física acima mencionado, porque passaste pelo vestibular ao tempo do finado Complementar. Quantos improperios lhe dirigimos, mas que cabedal científico nos deixou... E assim sendo porque foste me interpretar ao pé da letra? Será para facilitar teu artigo brilhante? Creio

na nossa elevação espiritual. Em meio á trepidação das máquinas, precisamos dar largas ao espírito, divagar pelo horizonte imaterial, aproveitando minutos em nossos momentos de folga. Não sou materialista, e a prova está nos versos de «Pequeno morto» que transcreveste. Combato os que se entregam ao marasmo de seus sonhos místicos. Classifico-os desajustados à época em que vivemos.

Suponhamos que fosses uma imagem, com o aspecto de água jogada ao ar, compreendes? Pois bem, naquê todo notar se-ia um septo leitoso, que separaria duas pessoas distintas: uma seria tu bem formado, com visão perfeita de ambiente, encarando as coisas como elas são. A segunda, um Joel diferente descambando para regiões etéreas, amigo das poesias, cujo conteúdo exprimido, não deixam transpassar nada, nossas mãos ficariam meladas, ah! «se a minha fosse um lago...»! Será este estado de espírito relacionado a coisas instáveis, impostas por Cupido? Vamos amigo, coragem, «reaga», tira esse septo e prossegue na tua trilha própria, que ela é luminosa.

A felicidade da mulher está na satisfação ampla de seus desejos, por mais caprichosos que sejam. Se consegue subjugar o homem, de maneira que fique como um cão faminto a lambar seus pés, conseguiu a felicidade. Concretizando: a Dona do Xiló, é felicíssima. Ama mas não fiques astático, embevecido pelo amor. Por mais fraco que sejas ponhate, no mínimo, em condições de igualdade, e serás feliz.

Compreendes-me agora, melhor? Vê que não sou materialista? Só esse estado anormal em que te encontras, poderia levar-te a me adotar tal adjetivo, pois, com ânimo sereno, qualquer um percebe logo que quem procura compreender a natureza melhor (nós estudantes de Agronomia), jamais, será materialista. Desculpo-te.

Idéias e Pensamentos

— Amo a lei do mais forte... Caracas.

— O meu direito termina quando começa o cano do revólver do parceiro... V. Diogo.

— Nem só de «snooker» vive o homem... Combuca

— Serafim, venha que te acolherei... (pois sim) Athayde

— Eu sou pequeno por fora... Milão

— Si minha vida fosse um alambique... Congrega.

— Adoro o contraste. Por isso amo uma loura... Cacáu.

— Vida prática Trabalho. Que bom ser estudante... Cornélio.

— Ossos, ossos, e mais ossos. Pra que tanto osso?... Loren.

— Sociedade. Quanta hipocrisia... Dalmo (diretor social).

Idepen.

Garoto Viçoso ... da ESAV

J. S. W.

O nosso «donzélo» desta crônica é um pilantra do S-6. Nossa intenção é colocá-lo em circulação ou mostrá-lo ao público, pois ele anda tão escondido... E' o indivíduo que prefere o silêncio da noite à clareza dos dias. Daí as suas passeatas altas madrugada. (Sabemos disso por informações do Joel). Fazendo o que, pretendendo o que ou planejando o que, não sabemos. Diz-se ave noturna e como voa...

Com aquele olhar todo seu, com ângulo de 45 graus, tem-se a impressão de que ele vê coisas incobertas que nós não vemos. São olhares oblíquos, misteriosos e terríveis. Será que «elas» resistem?

E' um bom colega, mas nas aulas, dorme como o Libêncio. Pudera, passa as noites vigiando a cidade, coitado!

Não é muito limpo com as moças viçosenses. Não sei porque, mas presumo.

Aos bailes, muito raramente se mostra ou se comparece, pouco dança, talvez com receio de um «contra»... Não precisa ter medo, «donzélo». As garotas daqui sabem fazer penitências. Pois elas não dançam com o Carlinhos?

No cinema se porta como «gentleman», sem piar e sem comentar. Mas cremos que isso seja só aparências, porque lá por dentro ele deve estar pensando o diabo. Dizem que mau pensamento é pecado. Porque você não se confessa?

Anda quasi sempre só. Diz ele que de bom elemento basta si próprio. De quando em vez o vemos com alguns colegas de turma ou mesmo alunos do S-8. Mas isso acontece quando há planos secretos. Não cremos que ele coordene plumosas. Em geral tomamos parte na coordenação de galinhas e nunca o notamos. E' provável que ele já as encontre assadas. Onde, ignoramos.

E' misterioso este «donzélo». Que o S-6 abra os olhos, pois ao contrário o nosso heroi, na moita, pintará os canecos. Como si já não pintasse...

E. Rado.